

museologia.pt

nº 1/2007
periodicidade anual

dossiê museus e arquitectura



18 €

Instituto dos Museus e da Conservação ano I, nº1, maio 2007



museologia.pt

nº 1 / maio 2007

Director do Instituto dos Museus e da Conservação

Manuel Bairrão Oleiro

Direcção da revista

Clara Frayão Camacho

Subdirectora do Instituto dos Museus e da Conservação

Conselho editorial

Alice Semedo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Graça Filipe

Ecomuseu Municipal do Seixal

João Brigola

Universidade de Évora

João Castel-Branco

Museu Gulbenkian e Comissão Nacional do ICOM

Luís Raposo

Museu Nacional de Arqueologia

Raquel Henriques da Silva

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

da Universidade Nova de Lisboa

Coordenação editorial

Maria Amélia Fernandes

Michelle Nobre Dias

Nuno Fradique

Textos

Álvaro Siza Vieira

António Portugal

Cândido Chuva Gomes

Carlos Guimarães

Clara Mineiro

Cláudio Torres

Fernando Távora

Francisco Clode Sousa

Gonçalo Byrne

Graça Filipe

Graça Soares Nunes

Henrique Coutinho Gouveia

Isabel Aires

Isabel Silva

João Manuel Neto Jacob

Joaquim Oliveira Caetano

José Bernardo Távora

José Cid

José Gameiro

José Luís Porfírio

José Manuel Oliveira

José do Nascimento Junior

Luís Raposo

Luís Soares Carneiro

Madalena Braz Teixeira

Manuel Maria Reis

María Jesús Ávila

Marina Chinchilla Gómez

Mário de Souza Chagas

Paulo Providência

Pedro Redol

Pio Gonçalo Alves de Sousa

Raquel Henriques da Silva

Rosário Azevedo

Suzana Fernandes

Suzana Menezes

Teresa Soeiro

Traduções

Marina Chinchilla Gómez

Museus de Espanha. A configuração de uma Rede

Tradução de *Fernando Montesinos*

Resumos

Tradução de *Michelle Nobre Dias e Clotilde Mendes*

Edição e propriedade

Instituto dos Museus e da Conservação

Palácio Nacional da Ajuda

Ala Sul, 4.º andar

1349-021 Lisboa

Telefone: +351 21 365 08 00

Fax: +351 21 364 78 21

museologia.pt@ipmuseus.pt

www.ipmuseus.pt

Design gráfico

Moritz Elbert

Pré-impressão e impressão

SOCTIP

Distribuição e comercialização

Lojas de Museus

Palácio Foz, Praça dos Restauradores

1250-187 Lisboa

Periodicidade anual

Preço por número 18 €

Tiragem 1000 Exemplares

ISSN 1646-6705

Inscrição na ERC nº 125160

Depósito legal nº 258753/07

Agradecimentos

Fundação Calouste Gulbenkian

Guta Moura Guedes - Associação Experimental

João Fernandes - Fundação de Serralves

Luciana Fina

Maria Manuel Conceição

Mariano Piçarra

Os artigos são da inteira responsabilidade dos respectivos autores. Os textos e as imagens não podem ser reproduzidos sem autorização prévia do Instituto dos Museus e da Conservação ou de outros eventuais proprietários.



Cláudio Torres
Mértola Vila Museu

Um projecto cultural de desenvolvimento integrado

A experiência científica, museográfica e pedagógica do projecto Mértola Vila Museu, não pode ser dissociada de um programa estruturante de cariz marcadamente político: no interior empobrecido e em despovoamento, a memória do local, na sua potencialidade dignificante, pode tornar-se em poderoso factor de desenvolvimento.

The scientific, museographic and pedagogic experience of the project Mértola – Vila Museu (Mértola – Town Museum) can not be disassociated from a structural political programme: in a poor and depopulated area of Portugal's interior, the local memory, in all that it is dignified, can become a powerful cause of development.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia, turismo cultural, desenvolvimento local.

Director do Campo Arqueológico de Mértola e do Museu de Mértola | camertola@sapo.pt

Quando em finais dos anos setenta do século passado foi iniciado o projecto que hoje chamamos Mértola Vila Museu, os seus objectivos não eram muito diferentes daquilo que agora, felizmente, é já um lugar-comum: envolvimento da população, numa tentativa de consolidar a sua identidade e contribuir para o desenvolvimento local. Depois de algumas dificuldades iniciais, o ponto de viragem aconteceu com o reconhecimento externo: quando os mertolenses verificaram que o trabalho lento e minucioso dos arqueólogos e museólogos era reconhecido no exterior, começando a sair nos *media* constantes referências e reportagens. Entre outras notoriedades, a Secretaria de Estado do Ambiente e a Secretaria de Estado da Cultura atribuíram em 1989 ao Campo Arqueológico de Mértola (CAM) o Prémio Nacional de Conservação da Natureza e do Património Histórico-Cultural; em 1990 é o Ministério do Planeamento e Administração do Território a conceder o Prémio Nacional para o melhor Plano de Salvaguarda para um núcleo histórico; em 1998 o Ministro da Cultura atribui ao Campo Arqueológico de Mértola a Medalha de Mérito Cultural.

Desde o início que para nós ficou muito claro que fazer investigação científica fora dos grandes institutos e universidades, não seria nada fácil, acrescido ainda o facto de estarmos sediados no fim do mundo, completamente arredados dos circuitos viários e institucionais. Para sobreviver e, mais ainda, para sermos credíveis no meio científico, para aceder a bolsas de investigação em pé de igualdade e no mesmo terreno que os laboratórios e universidades de todo o país, fomos obrigados a apostar na excelência da nossa equipa de investigadores e portanto na máxima qualidade dos resultados científicos. Desta forma, depois de submetidos a uma avaliação internacional com a classificação de “Muito Bom”, em 2002 fomos admitidos como centro de investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Entre as quase três dezenas de técnicos e investigadores que constituem hoje a nossa equipa, contam-se oito doutorados pelas universidades de Madrid, Lyon ou Lisboa, alguns dos quais começaram entre nós a sua carreira técnica e académica.

Depois de concluídos vários projectos sobre “Cerâmica islâmica” (desde os primeiros congressos sobre a Cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental), “estruturas habitacionais do bairro almóada”, “Património de Niebla e Mértola” – (em colaboração com a Universidade de Huelva), “Igreja – Mesquita” e “Mosteiro de S. Salvador – Estudo e recuperação”, continuam a ser desenvolvidos trabalhos de levantamento e sistematização de dados arqueológicos referentes ao território de Mértola na Antiguidade tardia e Idade Média. Também não está ainda concluído o estudo dos “Espaços e funções da Alcáçova de Mértola entre a Antiguidade tardia e a Reconquista Cristã”, nomeadamente na conservação dos painéis de mosaicos anexos ao baptistério.

Um sector a que nos últimos anos temos dado muita importância tem sido o estudo das necrópoles e a análise osteológica como fonte de informações paleo-patológicas e mesmo genéticas – (colaboração com o Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto - IPATIMUP). Também neste sector estamos a desenvolver projectos de investigação com a Universidade de Coimbra. Através da Anna Lindh Euro-Mediterranean Foundation for the Dialogue between Cultures, coordenada em Portugal pelo CAM, temos vindo a colaborar com vários países mediterrânicos, especialmente do Magreb, em projectos de levantamento e salvaguarda do património comum, virado sobretudo para a arquitectura vernacular. Participamos desde o início e continuamos responsáveis em Portugal pelo programa “Discover Islamic Art” do Museu Sem Fronteiras.

Os resultados destes variados projectos de investigação têm vindo a ser editados autonomamente ou publicados na revista anual de Arqueologia Medieval editada nos últimos 15 anos pelo CAM. Esta revista, especializada na divulgação científica dos últimos resultados disponíveis em investigação medieval e islâmica para toda a Península Ibérica, tem vindo a impor-se pela sua regularidade e qualidade.

Fig. 1 Vista geral de Mértola
arquivo fotográfico do CAM

O nosso esforço divulgativo tem passado também por um interesse pedagógico na criação e apoio à delegação local da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, que nos últimos dez anos formou umas dezenas de jovens como técnicos em arqueologia, turismo e arquitectura tradicional.

Em 2006 iniciámos um outro ciclo da nossa actividade pedagógica, lançando-nos na formação superior especializada. Em colaboração com a Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM) e com a Universidade do Algarve, iniciámos o "Mestrado em Economia Regional e Desenvolvimento Local" que inicialmente funcionou em Faro e que agora, com uma renovação de cadeiras e corpo docente, está em pleno funcionamento com duas dezenas de mestrandos. A partir do ano lectivo de 2007/8, começa mais um outro mestrado, desta vez sobre a civilização islâmica, remodelando um outro originário da Universidade do Algarve. Desenvolvendo esta colaboração com a Universidade de Faro e alargando-a às universidades de Évora, Granada e Tunis, a partir de 2008 vão também abrir em Mértola cursos de doutoramento sobre o Islão e o Mediterrâneo.

Toda esta actividade lectiva é, para a nossa equipa, uma forma de aferir a própria pesquisa científica e também, de abrir novas linhas de investigação em campos por trilhar onde já não chega a nossa capacidade.

Em simultâneo com este esforço pedagógico e sobretudo com esta actividade de investigação histórico/arqueológica, a grande opção de fundo do nosso projecto integrado foi também a aposta na divulgação local que passa necessariamente pela musealização.

Além da divulgação científica, codificada na sua linguagem própria e dirigida a um público especializado, falar claro e acessível é a única forma convincente de justificar localmente os trabalhos em curso, capaz de identificar as mais fortes referências culturais e, por conseguinte, consolidar potenciais endógenos.

Na dinâmica museográfica não só se difundem os resultados de uma forma mais eficiente para o público em geral, sobretudo o local, como se torna possível atrair outro tipo de visitantes, desde que esta oferta seja devidamente divulgada. Assim, Mértola foi-se tornando um conhecido destino de turismo cultural. De facto, o número de visitantes do museu foi aumentando até que, ultimamente, foram ultrapassados os 25 000 por ano. Destes, cerca de metade são estrangeiros e 20% dos nacionais são escolares integrados em visitas de estudo. Há ainda um número residual de grandes grupos de outro tipo (excursões em autocarro de idosos, grupos culturais e recreativos, etc.).

Além destes visitantes que utilizaram directamente o posto de informação, devemos referir uma percentagem significativa - avaliada em dez mil ao ano - que entra na Vila Velha, sobe ao castelo e entra na igreja matriz sem registar a sua presença.

Estes visitantes procuram não tanto exotismo ou espaços monumentais, e sim um projecto dinâmico e ambicioso que,

numa zona isolada e longe dos grandes centros, conseguiu envolver a população local, construindo propostas científicas e museológicas de grande qualidade.

Todo este esforço de investigação, investimento e divulgação tem sido maioritariamente conduzido pelo Campo Arqueológico de Mértola de parceria com a Associação de Defesa do Património e com o apoio da Câmara Municipal. Mais recentemente juntaram-se a este projecto a delegação local da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça e o Parque Natural do Vale do Guadiana, naturalmente vocacionado para a gestão da natureza e educação ambiental de um vasto território com cerca de 70 000 hectares.

O tecido urbano do centro histórico de Mértola apresenta-se como um conjunto de alto valor histórico, patrimonial, plástico e mesmo vivencial. Assim, tem sido parte fundamental do trabalho da equipa do CAM incentivar, apoiar e desenvolver actividades e projectos de valorização patrimonial a ele associados.

Um trabalho mais aturado nesta área, em colaboração com as equipas do Gabinete Técnico Local, conduziu a projectos de intervenção arquitectónica, assumindo particular relevância o cruzamento das informações provenientes dos trabalhos de prospecção arqueológica e documental, nomeadamente no caso da recuperação de alguns troços das muralhas da vila, da Basílica Paleocristã, do edifício da Cadeia, hoje Biblioteca Municipal, das ruínas seiscentistas dos antigos celeiros da Casa de Bragança (onde se encontra instalada a colecção de Arte Islâmica do museu) e de algumas casas de habitação. Procura-se, assim, que determinados espaços edificados possam ser componentes integráveis no conjunto museológico, dando-se também resposta às necessidades sociais e de usufruto quotidiano que o local contém em si.

Neste contexto, o Projecto de Museologia Local insere-se numa filosofia de intervenção que visa, antes de tudo, projectar a recuperação social e patrimonial do centro histórico, conhecido por Vila Velha.

É que, embora os vectores mais importantes de expansão da vila estejam hoje extramuros, o núcleo primitivo permaneceu a imagem de marca dos registos do passado e, de certa forma, continua a ser o símbolo e motor do seu próprio desenvolvimento turístico.

Este quadro ajuda a perceber como o museu é a própria vila. De facto, historicamente tão importantes como os achados arqueológicos que enchem os expositores, são as ruas, a organização dos espaços públicos, a estruturação e usufruto das fachadas, volumes arquitectónicos, materiais e técnicas de construção, assim como uma sustentada requalificação habitacional.

A museologia, aqui, não podia alhear-se da reabilitação urbana.

Assim, facilmente se apercebe o princípio que tem presidido ao projecto da Vila Museu: o da polinuclearização, isto é, o de organizar/instalar em pontos distintos do centro histórico espaços museográficos organizados de forma temática e



Fig. 2 Mosaico encontrado na Alcáçova do Castelo de Mértola do séc. VI
arquivo fotográfico do CAM



Fig. 3 Conjunto urbano que mantém o traçado antigo
arquivo fotográfico do CAM

sempre que possível no próprio local do achado arqueológico ou relacionado directa ou indirectamente com o objectivo pedagógico pretendido.

Desta forma, proporciona-se a leitura e o conhecimento de conteúdos históricos específicos, evitando-se a concentração expositiva e sobrecarga informativa, ao mesmo tempo que se faculta o acesso a um percurso histórico de visita que se interpenetra com os espaços e traçado urbano da vila, ela mesma entendida como espaço de fruição estética. Um dos objectivos deste percurso museográfico, e que tem sido coroado de êxito, é incentivar a variação dos circuitos, levando o turista a aumentar o tempo/visita, com benefício evidente para os serviços de restauração e alojamento.

Aqui chegados, encontramos-nos agora num ponto de viragem: os recursos, incluindo os turísticos, têm de ser planeados e geridos, sob pena de não serem devidamente acautelados. É necessário definir objectivos e estratégias. E estes parecem apontar para uma melhor gestão das visitas temáticas

organizando mais circuitos fora da vila, aproveitando pólos de qualidade ambiental e paisagística, nomeadamente para a vertente do turismo etno-antropológico e de natureza.

Para além destes aspectos, estamos agora empenhados em melhorar a qualidade do serviço prestado dando formação aos que mais directamente contactam com o visitante, em envolver a população de uma forma mais participada na actividade turística e, sobretudo, em que o planeamento, para além de permitir uma melhor operacionalidade, reduza ao mínimo os impactos negativos. Estamos conscientes de que o êxito do factor turístico está na excelência de serviços sem subserviência, na qualidade da informação disponibilizada e na variedade dos elementos complementares de animação. Todos estes aspectos, devidamente estruturados e solidamente ligados aos interesses dos habitantes, podem ser um obstáculo ao crescimento desregrado e incontrolado que, mais tarde ou mais cedo, pode levar à agonia e morte por massificação, como sucedeu em alguns dos destinos turísticos mais procurados.



Fig. 4 Castelo construído pela Ordem de Santiago
arquivo fotográfico do CAM

O Museu de Mértola: núcleos concluídos ou em vias de conclusão (circuito de visita)

1 | Centro de acolhimento e informação turística

Este espaço, logo à entrada da Vila Velha, funciona como centralizador das actividades de divulgação e atendimento turístico. Como todos os núcleos do Museu, este Centro de Acolhimento está sob a responsabilidade da Câmara Municipal (o CAM é apenas o responsável técnico e científico do espólio exposto e depositado).

Aqui foram instalados equipamentos informáticos onde pode ser consultada a base de dados turísticos e logísticos.

Dotada com um sistema de projecção em ecrã, a sala pode ser usada como espaço para uma conversa introdutória com os visitantes, explicando algumas das componentes do projecto.

A sala funciona também como local de visionamento de pequenos filmes produzidos pelo CAM, pela ADPM ou outros relacionados com aspectos da cultura e do património de Mértola. Este local assegura ainda o local de venda de bilhetes, de publicações e guias de visita.

Esta centralização tem permitido a gestão e controlo de todo o serviço de apoio turístico em torno dos núcleos e sítios arqueológicos. Neste local está sempre de serviço um funcionário de atendimento, que organiza e faz a distribuição dos fluxos de visitantes, bem como vendas e alugueres; também este é o local de congregação dos visitantes com guia, caso seja este o tipo de visita (previamente) solicitada.

Todo o tipo de informações que se prendem com outros aspectos logísticos ou outros serviços, podem também ser facultados neste espaço.

A concentração do fluxo de visitantes neste local, como ponto de partida para qualquer percurso de visita, permite manter um registo de visitantes, assim como conhecer a sua profissão, origem social e nacionalidade, dados esses preciosos para gerir com maior agilidade todo o processo.

2 | Castelo

Ocupando o local de antigas construções romanas e de um pequeno bairro fortificado de época islâmica, o castelo domina todo o povoado e serve de referência ao fragor de antigas batalhas, à memória de outros feitos.

A torre de menagem, ainda imponente no seu formidável volume, assinala a época em que Mértola foi durante um século, a sede nacional da Ordem de Santiago. Na sala de armas coberta por uma abóbada de cruzaria de ogivas, estão reunidos alguns elementos arquitectónicos recolhidos na vila e nos arredores e atribuíveis a um período de transição entre os séculos VI e IX. É uma época dominada pelas formas decorativas ao gosto visigótico.

Esta mostra, além de um catálogo temático, possui um painel didáctico referindo a implantação topográfica dos objectos expostos.

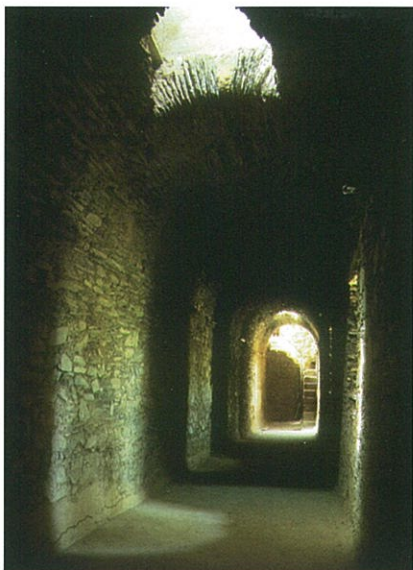


Fig. 5 Criptopórtico do séc. V
arquivo fotográfico do CAM



Fig. 6 Igreja matriz
Antiga mesquita do séc. XII
arquivo fotográfico do CAM

Numa sala superior, recentemente recuperada, está prevista a montagem de um outro programa expositivo dedicado à história da própria fortaleza.

No recinto do castelo, cujas muralhas foram recentemente consolidadas, o acesso está actualmente condicionado por obras de reabilitação. Em finais de 2007 ficará disponível um outro espaço para exposições temporárias.

3 | Acrópole romana e bairro islâmico

A arqueologia abriu as primeiras portas do passado. Ano após ano são descobertas outras formas e objectos que valorizam os museus e respondem a muitas dúvidas de uma história por vezes ainda mal contada. Interrompendo a vertente norte da encosta do Castelo, o possível fórum da cidade romana cria uma plataforma artificial, suporte do mais imponente conjunto monumental da velha Myrtilis.

Todo este espaço, aplanado artificialmente, assentava numa galeria subterrânea - o *criptopórtico* - com cerca de 30 metros de comprimento e 6 de altura que serviu de armazenamento alimentar e mais tarde de cisterna.

Em época islâmica, no decurso dos séculos XI e XII, toda esta zona é ocupada por um bairro habitacional que, depois da conquista cristã de 1238, é completamente arrasado para ser adaptado a cemitério. Este recinto, agora de acesso reservado, pode vir a ser visitado futuramente percorrendo um passadiço metálico que levará o visitante aos locais de maior interesse. Entre estes contam-se as ruínas de um baptistério do século VI, na

altura rodeado por um belo conjunto de mosaicos policromos de que restam alguns fragmentos significativos.

4 | A igreja / mesquita

Inserida directamente no recinto da acrópole e integrando-se no seu circuito monumental, ergue-se a **Igreja matriz (antiga mesquita)**. No local onde teria existido um templo romano e depois paleocristão e onde, em finais do século XII, foi construída de raiz uma mesquita, situa-se hoje a igreja matriz de Mértola. Da antiga mesquita almóada restam dois capitéis, reutilizados nas obras quinhentistas, quatro portas de arco ultrapassado e o altar muçulmano ou *mihrab*. Neste pequeno nicho, é ainda claramente perceptível a linguagem decorativa dessa época. Logo após a conquista, a mesquita é cristianizada e a Ordem de Santiago impõe na fachada o seu símbolo. Em meados do século XVI a igreja é completamente reconstruída.

As suas 5 naves, inicialmente cobertas por madeiramento policromo, são substituídas por um belo conjunto de abóbadas com destaque para o tramo polinervado do altar mor. Ao contrário da abobadagem e dos pináculos exteriores muito ao gosto *mudejar* do último gótico, a porta principal da igreja segue os modelos do Renascimento italiano. No adro do templo, um painel didáctico, além de prestar algumas informações históricas, indica os horários de abertura do monumento que, de uma forma geral, tem coincidido com a dos outros museus.



Fig. 7 Oficina de ferreiro / ferrador
arquivo fotográfico do CAM



Fig. 8 Tigela com cena de caça do séc. XI
arquivo fotográfico do CAM

A caminho do conjunto monumental localizado na ponta sul da Vila Velha, a descida deve ser feita pela rua da Afreita onde se localizava uma antiga oficina de ferreiro.

5 | Forja do Ferreiro

Esta oficina, já desactivada, pretende guardar a memória de uma das muitas profissões do nosso passado que não conseguiu resistir às novas tecnologias. Além da bigorna e da forja com o seu fole, são expostas todas as ferramentas necessárias ao trabalho do ferro. Um painel explicativo descreve o local e as principais operações desenvolvidas pelo artesão.

6 | Colecção de arte islâmica

Aproveitando os espaços e volumes dos antigos celeiros da Casa de Bragança, um moderno projecto arquitectónico e museográfico abriga, ao longo dos seus dois pisos, a mais importante colecção de arte islâmica do nosso País.

Destaca-se o espólio cerâmico e nomeadamente um excepcional conjunto de artefactos decorados com vitralizado em "corda seca". Esta técnica decorativa oriental, apurada nas olarias do al-Ándalus, será mais tarde difundida pela azulejaria quinhentista. Os motivos decorativos animais e vegetais passam a geométricos ou epigráficos, atingindo um forte barroquismo ornamental.

A arte dos metais especializa-se na fundição de bronzes e aperfeiçoa a sua tecnologia no fabrico de armas. O sistema

monetário é sobretudo em prata, embora por razões de prestígio, alguns pequenos reis locais cunhem moedas de ouro. A ourivesaria em ouro, prata ou bronze, nas suas técnicas de repuxado, encastado, fundido e cinzelado parece ter sido também oriunda de oficinas locais que aproveitavam os metais extraídos nas cercanias. Todas estas técnicas e formas decorativas estão representadas nos expositores do museu.

7 | Centro de Estudos Islâmicos e do Mediterrâneo

Num belo edifício, parcialmente recuperado, fronteiro ao Núcleo Islâmico, encontram-se instalados vários organismos dependentes do Campo Arqueológico de Mértola. Uma biblioteca especializada na Civilização Islâmica com cerca de 20.000 volumes; a sede da associação Multiculti; a sede da Rede portuguesa da Fundação Anna Lindh; um espaço duplo de Exposições temporárias e, sobretudo, um Centro de Formação Superior vocacionado para leccionar mestrados e doutoramentos versando a cultura e civilização islâmicas do Mediterrâneo.

Entre outras unidades de crédito a acordar com os formadores e temas de dissertação a propor aos orientadores, podemos citar: Introdução geo-histórica ao Mediterrâneo com cadeiras específicas de História Social, Política e Mentalidades da Península Ibérica, Magreb e Próximo Oriente. Abordagem das grandes linhas históricas das Civilizações fluviais e Clássicas. Impérios Bizantino



Fig. 9 Terracota pintada representando São Sebastião. Finais do séc. XV
arquivo fotográfico do CAM



Fig. 10 Construção monumental do séc. VI integrada num sistema de defesa do porto antigo
arquivo fotográfico do CAM

e Persa. Nascimento e expansão das grandes religiões do Livro. Génese da civilização islâmica e sua expansão para Ocidente. Al-Ândalus e Gharb-al-Ândalus; Moçarabismo e Mudejarismo. Rotas e portos marítimos. O fenómeno urbano e a inovação tecnológica. Espaços rurais, arquitectura vernacular e saberes da terra. Sistemas feudais e tributários. Arquitectura civil, militar e urbanismo clássicos e a sua transição para o mundo islâmico. Linguagem das formas: naturalismo e geometrismo.

Este Centro de Formação assenta num protocolo de colaboração entre o CAM e as universidades do Algarve, de Évora, de Granada e de Manouba na Tunísia. O corpo docente é constituído por uma dezena de doutorados membros do CAM e por uma dúzia de prestigiados professores doutorados e catedráticos destas universidades e de outros centros universitários de Coimbra, Lisboa, Paris e Sevilha.

8 | Arte sacra - Porta da Ribeira

Construída no século XVI sobre a porta de acesso ao porto antigo e medieval, a igreja da Misericórdia, hoje parcialmente desafecta ao culto, guarda um interessante acervo de arte sacra cristã. O corpo da igreja, a sacristia e outros anexos, servem hoje de espaço expositivo. A colecção de estatuária, pintura e alfaías religiosas foi durante os últimos vinte anos, recolhida em algumas igrejas do concelho, dada a pouca segurança e o abandono a que tinham sido votadas. Entre um conjunto de três dezenas de peças esculpidas em madeira policroma,

algumas pertencem a grandes escolas europeias do século XVI e a grande maioria foi trabalhada em oficinas regionais.

A primeira parte da exposição permite uma visita virtual a todas as igrejas paroquiais, assim como uma visão fílmica da procissão anual do Senhor dos Passos. Estão expostas também algumas peças da antiga Misericórdia e três tábuas monumentais que pertenceram a antigos altares quinhentistas da igreja matriz. Entre as alfaías litúrgicas expostas destacam-se três importantes peças em prata cinzelada do século XVI: uma arqueta/hostiário, uma cruz processional e uma custódia. Do século XVIII, sobressai um conjunto de cálices e outras pequenas alfaías litúrgicas.

9 | Percorso de Beira Rio

Saindo pela Porta da Ribeira em direcção ao rio e partindo das antigas muralhas romanas (indicadas por sinalização local), alinham-se ainda imponentes os pegões de um pontão que dava acesso, em época tardo-romana, à **Torre do Rio**. Além de permitir o acesso à água sem sair das muralhas, esta construção era um importante ponto de apoio na defesa do porto, não só por poder abrigar uma guarnição militar, como também por controlar uma corrente de ferro que, de uma margem à outra impedia as embarcações inimigas de subir o rio. Poderosos talha-mares resistiam à violência das águas invernais. Pela sua técnica construtiva e funções, é um monumento único no nosso país.

A zona envolvente destas ruínas foi consolidada e ajardinada.

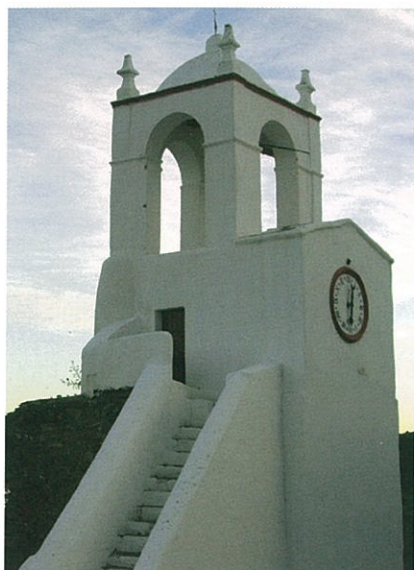


Fig. 11 Cubelo da muralha antiga aproveitada como Torre do Relógio
arquivo fotográfico do CAM

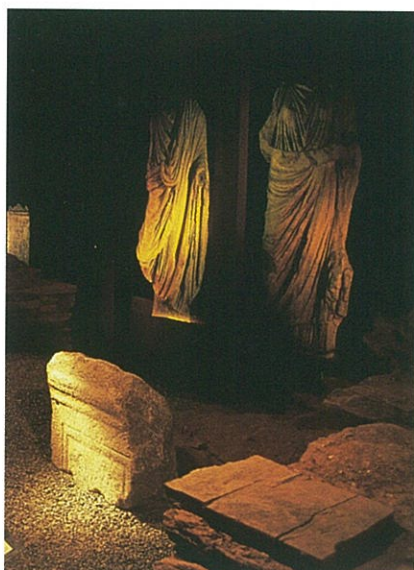


Fig. 12 Núcleo Romano do Museu de Mértola
arquivo fotográfico do CAM



Fig. 13 Oficina de ourivesaria
fotografia de António Cunha

Um caminho calçadado leva o visitante a visitar um sistema de túneis e poços que em épocas antigas introduzia as águas do rio no interior das muralhas. Subindo a escadaria da Torre do Relógio chega-se ao largo da Câmara.

10 | Casa romana

Sob o edifício dos Paços do Concelho encontra-se instalado o núcleo romano do Museu. Antecedendo obras no subsolo, uma intervenção arqueológica pôs a descoberto as ruínas de uma habitação romana. A musealização deste sítio permitiu instalar um conjunto de fragmentos arquitectónicos sugerindo formas e funções da época em que a casa foi habitada. São expostos objectos encontrados no próprio local, alguns outros associados ao mesmo contexto cultural e finalmente a reprodução de vidros e esculturas dessa época que, desde os finais do século XIX, foram depositados no Museu Nacional de Arqueologia. Este pequeno museu de sítio, embora integrado no edifício dos Paços do Concelho, segue os horários dos outros núcleos museológicos.

11 | Oficina de ourivesaria

Reatando com antigas tradições e aproveitando velhos motivos artísticos, a oficina de ourivesaria produz réplicas de alguns materiais arqueológicos provenientes das escavações. As memórias arqueológicas são também o ponto de partida para a criação de peças onde a imaginação criativa abre

novos horizontes para a estética contemporânea. As mesmas técnicas e gestos artesanais modelam a prata e o ouro numa profusão de formas e motivos inscritos na tradição islâmica e mediterrânea.

12 | Oficina de tecelagem

Uma das mais antigas artes tradicionais da região é certamente a tecelagem de mantas de lã. Nesta oficina, onde é ministrada formação contínua, uma cooperativa de tecedeiras encarrega-se de fazer sobreviver esta tradição. Os motivos decorativos destas mantas assemelham-se a uma gramática ornamental filiada em antigas tradições berberes e que também encontramos impressas em materiais arqueológicos. No espaço da própria oficina está organizada uma mostra de antigos instrumentos ligados à actividade da lã e do linho, assim como uma exposição de tecidos fabricados na oficina e nos povoados serranos do concelho.

13 | Basílica paleocristã

Sob o invólucro despojado de um moderno edifício, ocultam-se as ruínas de uma grande basílica paleocristã aberta ao culto do século V ao século VIII. De três naves e absides contrapostas, o que resta deste templo funerário é hoje valorizado por uma museografia que apenas sugere as principais linhas arquitectónicas.

Das dezenas de sepulturas estudadas apenas uma proporcionou uma fivela em bronze com decoração cinzelada e um



Fig. 14 Basilica paleocristã, séc. V ao séc. VIII
fotografia de Ricardo Grilo

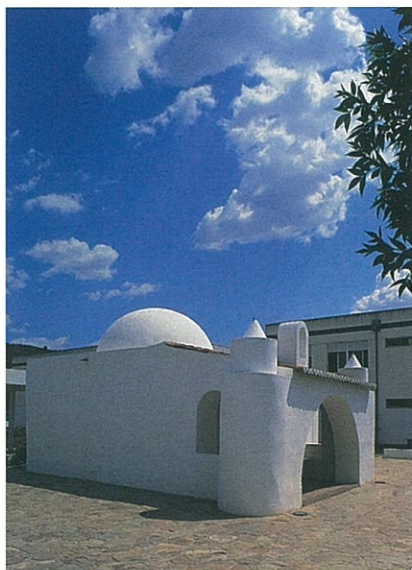


Fig. 15 Capela de São Sebastião recuperada durante a musealização de uma necrópole tardo-romana
fotografia de António Cunha

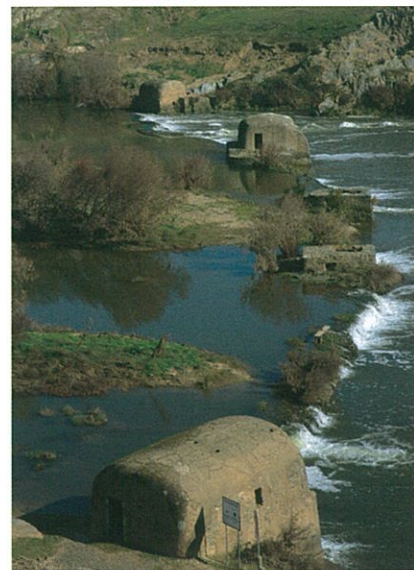


Fig. 16 Sistema de moagem medieval em utilização até ao séc. XX
arquivo fotográfico do CAM

lacrimário de vidro. A importância excepcional deste museu é a colecção lapidária paleocristã constituída por seis dezenas de lápides epigrafadas, trinta das quais se encontram expostas no local. *Antónia*, *Festulus* ou *Amanda* foram habitantes da cidade de Myrtilis e contemporâneos de *Andreas* regente do coro da igreja. Esta basílica funerária foi construída sobre uma necrópole romana, onde já tinha havido enterramentos da Idade do Ferro (6 séculos antes de Cristo) e, numa época posterior, também aproveitada como assentamento de um vasto cemitério muçulmano.

14 | Ermida e necrópole de S. Sebastião

No pátio da Escola secundária foi escavada e museografada a parte mais significativa de uma grande necrópole romana e tardo-romana sobre a qual se implantou no século XVI uma pequena capela dedicada a S. Sebastião. O cemitério, escavado na rocha, é visitável através de um passadiço metálico e ostenta um painel indicativo. A ermida, completamente reconstruída, numa operação pedagógica, com a ajuda dos alunos de arqueologia da Escola Bento de Jesus Caraça, abriga um pequeno museu de sítio onde, entre outros artefactos, pode ser admirada uma medalha-crismon do século V, em ouro, encontrada na sepultura de uma criança.

15 | Percurso complementar - Azenhas do Guadiana

Nas imediações deste complexo escolar, o rio Guadiana é cortado por um açude onde estão implantados cinco moinhos de água. Dois deles, solidamente abobadados para resistir às grandes cheias do rio, estavam adaptados ao regime das marés.

Podemos concluir que toda a sociedade, qualquer comunidade procuram guardar, proteger os seus bens mais preciosos, as provas e documentos identitários, os objectos e artefactos portadores de uma marca ou sinal da memória colectiva. Este local de abrigo pode e deve ser o museu. Um espaço sacralizado capaz de concentrar e sintetizar a alma de um sítio ou território, capaz de dignificar o carácter mais profundo de uma comunidade. O gesto que transforma o insignificante pedaço de barro ou a pequena fivela em objecto de cultura, em peça sacralizada, é um gesto demiúrgico, um acto de afirmação colectiva que reforça a auto-estima e o orgulho local. Mais significativo se torna o museu local quando este se fracciona em vários núcleos temáticos e quando estes, gradativamente, vão incluindo áreas de protecção, vias de acesso, portas e poiais, muros, hortas e pomares. E sobretudo quando lá dentro, vivendo a sua vida e beneficiando desse passado, se encontra toda uma população interessada, conivente e solidária. Este é, a pouco e pouco, o Museu de Mértola.